

OLHO POR OLHO DEIXA O MUNDO CEGO!

Um estudo sobre violência, império e teologia na profecia de Habacuque

Nancy Cardoso Pereira

Resumo:

A a. situa a obra de Habacuque na fase do domínio babilônico, quando uma determinada teologia da história passa a ser questionada através de uma linguagem profética original e surpreendente: a compreensão do agir divino é questionada duramente e a temática da violência estrutural vista por diversos ângulos. A reflexão de Habacuque sobre a dinâmica do império quer ir além da teologia que apregoava que Deus usa os impérios, mas ele não se confunde com eles. Através dos cinco ais Habacuque desarticula tanto uma falsa teologia da ação de Deus na história quanto as supostas estruturas de segurança do império. Um novo tempo surge então da vida da fé e da gratuidade da experiência de Deus numa perspectiva de esperança.

Palavras-chave: Habacuque; história: teologia.

Abstract:

Cardoso Pereira deals with Habakkuk prophecy at the time of Babylonian domination when flourish a kind of history theology that sees even in the imperial power a sort of God activity. Habakkuk using a new and surprisingly kind of language put this theology under question. This kind of understanding of God action and the structural violence are the subject of Habakkuk prophecy. The dynamics of imperial power and that

kind of theology of the God action in the history receive through the five imprecations an answer that is at the same a denouncing of the failing imperial safety structures and new view of the faith life. The new time has in mind not anymore the State groundings of power and safety, but a life whose grounds are the faith in God and the experience of his love as hope for the future.

Key-words: Habakkuk; history: theology.

INTRODUÇÃO — A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA

Olho por olho deixa o mundo cego — alguém escreveu numa parede em Nova York. O mundo todo tremeu e teme diante dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Eu e você também.

De repente, o mundo todo fica menor e não há como evitar, escapar, esquecer ou ficar indiferente às discussões políticas e econômicas dos impérios modernos. As respostas anti-terroristas assumem o *olho por olho* como vingança e como guerra preventiva, colocando todo o planeta sob suspeita. A violência como mecanismo geo-político se confirma como assunto obrigatório de todas as comunidades que vivem e trabalham por um mundo melhor, que é possível.

Eduardo Galeano nos lembra que:

Se os fanáticos religiosos necessitam de inimigos para justificar a loucura, também precisam de inimigos para justificar sua existência, a indústria de armamentos e o gigantesco aparato militar dos Estados Unidos. Bons e maus, maus e bons: os atores trocaram as máscaras, os heróis passam a ser monstros e os monstros heróis...

Diante desta realidade e sabendo que o conflito envolve também leituras e enfrentamentos religiosos, a leitura do livro do profeta Habacuque pode contribuir com a reflexão e ação nas comunidades para que o cristianismo não possa seguir sendo combustível de fundamentalismos e violência.

PARA LER O PROFETA HABACUQUE

O texto de Habacuque poderia ser situado no período de dominação dos Babilônicos, entre 602/586 a.C., quando Judá estava politicamente dominada e pagando pesados tributos; como outros impérios antigos, a Babilônia impõe suas leis e sua força, dificultando a sobrevivência cultural autônoma de qualquer povo ou nação.

No caso de Judá, o conflito vai culminar na destruição de Jerusalém e no exílio de parte da população; a casa de Davi, no poder em Jerusalém, se vê limitada pela pressão imperial babilônica e também não desenvolve políticas que possam garantir um mínimo de dignidade interna: os conflitos externos potencializam a violência interna das elites de Jerusalém.

É possível localizar Habacuque ao lado de outros profetas do período: Sofonias (630), Jeremias (627) e Naum (612). Em todos estes profetas a questão da política dos impérios e da violência é fundamental para entender dificuldades, conflitos e esperanças. A diferença está num deslocamento da teologia da história: enquanto diversas leituras de profetas continuam trabalhando com a concepção da justiça divina que instrumentaliza impérios inimigos, Habacuque prefere a vertigem de desistir dessa estrutura teológica e correr o risco de uma teologia sem eficiência histórica e política.

Em Jeremias 21, 10 explicita-se a direção da vontade divina na história:

Pois voltei o meu rosto contra esta cidade, para mal e não para bem, diz o Senhor; ela será entregue nas mãos do rei de Babilônia, e este a queimará a fogo.

O texto de Jeremias expressa a tentativa de garantir para Deus o controle da história, criando uma coerência e confirmando o poder de Deus como poder ordenador das políticas. Esta teologia apresenta a divindade pondo e dispondo dos reinos como traçado de uma história sempre sob controle:

Assim diz o Senhor: logo que se cumprirem para Babilônia setenta anos atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar.

Habacuque vai apresentar, explicitar e discutir esta teologia da história, apontando os limites e as implicações da ação retributiva de um Deus que oferece uma suposta racionalidade e coerência para os impérios e suas formas de violência.

Deus — abandono e indignação

A profecia de Habacuque não escolhe palavras para falar da realidade ou descrevê-la; desde o início, questiona com indignação:

Até quando, Javé, vou pedir socorro, sem que me escutes? Até quando clamarei a ti: violência! Sem que tu me tragas a salvação?

Este é o primeiro dado da realidade: Deus não escuta, não **intervém**, não salva. Esta coragem de nomear o sentimento de abandono é, ao mesmo tempo, a força e a fraqueza da profecia de Habacuque. Fraqueza, porque se distancia dos oráculos

cheios de verdades e certezas dos profetas de períodos anteriores; força, porque não teme o uso de uma linguagem que vai fazer a crítica da profecia mesmo. Neste sentido, o *Até quando?* é a expressão de um estilo literário e de um método teológico próprio dessa profecia.

Javé vai ser chamado de Deus, Santo, Aquele que Não Morre, Rocha, Aquele de Olhos Puros (Hab 1,12-13), para logo depois ser denunciado:

Então por que ficas olhando os traidores e te calas quando um ímpio devora alguém mais justo do que ele? Tratas os homens como peixe do mar ou como répteis que não têm chefe?

A análise da realidade na profecia de Habacuque se funda na falência das categorias teológicas e históricas, na inadequação de uma teologia da história que, na afirmação da majestade triunfante da divindade, torna a teologia e a profecia inadequadas e ineficientes para a intervenção social.

Os nomes da realidade

Habacuque vai usar em poucos versículos (capítulo 1, 2 a 4) diversas palavras para dizer da violência que explica e descreve sua realidade. O léxico de Habacuque não evita repetições e variações do mesmíssimo tema: violência! A lista de sinônimos sofridos não disfarça o profundo sentimento de perplexidade do profeta diante da falência do direito e da justiça, diante do poder das estruturas de violência.

חַמָּס *violência física, (usado também em Gn 6,11 e Jó 16,16; 19, 7)*

אָוֶן *maldade, injustiça, desgraça, fadiga (Jó 4,8; 5,6; 11,11; 15,35)*

עֲמַל *trabalho sofrido, cansaíra, fadiga (Sl 7,15; 10,7, 14; 55,11)*

שׂוֹד *devastaçã, ruína (Jó 5,21; Pr 21,7)*

רִיב *disputa, hostilidade (Jó 29,16; Sl 55,10; Pr 15,18)*

מָדוֹן *desavença, contenda, rixa (Sl 80,7; Pr 15,18; Jr 15,10)*

פּוֹג *tirar as forças, enfraquecer (Sl 38,9)*

רָשָׁע *criminoso (Jó 9, 22, 24; 15,20; 20,29; Pr 3,33)*

עֲקָל *tortuoso, distorcido (Sl 125,5)*

כָּתַר *espreitar (Jó 36:2; Sl 22,13; Pr 14,18)*

Todas estas situações acontecem diante dos olhos, a olho nu, e não precisam de descrição nem detalhamento: o amontoado insistente de palavras não deixa espaço para sutilezas analíticas. Os *olhos vêem o crime e a injustiça pode ser contemplada* (v. 3) a olho nu, *na minha frente*.

Esta imediatez da violência reforça a indignação que abre a profecia de Habacuque. A expressão *Até quando?* confere o sentido de ação continuada e prolongada à violência, caracterizando-a não como evento passageiro ou esporádico, mas situação estrutural; a profecia, assim, denuncia a violência institucionalizada e sua visibilidade nos processos de justiça e direito. A violência é a norma e a regra.

Teologia do olho por olho: a força é seu deus

A resposta para a indignação de Habacuque vem na forma de uma afirmação triunfalista na primeira pessoa do singular, como fala divina: *Olhai entre as nações, observem bem! Vocês ficarão maravilhados e espantados... vou fazer uma coisa que vocês vão acreditar* (Hab 1,5).

A expressão usada para se referir à ação divina tem a mesma raiz na forma substantiva (פֶּעַל) trabalho, atividade, ação, feito) e verbal (פָּעַל) fazer, praticar, trabalhar, completar). O feito divino se expressa no poderio dos caldeus (cap. 1, v. 6), entendido como ação divina:

Farei com que se levantem os caldeus, povo cruel e impiedoso que percorre a terra inteira, tomando posse de coisas que nunca foram dele (Hab 1,6).

O verbo קָם *levantar* aparece aqui numa forma verbal causativa: Deus é quem causa, cria as condições de força dos caldeus; Deus comissiona, designa, confia uma tarefa a um *povo amargo e impetuoso* הַגִּי' הַמָּוֶר, que vai ser instrumento da ação divina.

Na caracterização dos caldeus/babilônios, Habacuque vai continuar exercitando o léxico da violência. Além de *amargo e impetuoso* (Hab 1,6), o império vai ser designado e apresentado como:

אִיִּם terrível e assustador (Ct 6, 4: *terrível como um exército e suas bandeiras*);

יָרֵא temível (Jó 37, 22; Nee 1, 5).

Dinâmicas de um império

Três dinâmicas do império são apresentadas: exército, política e ideologia.

O Exército

1. O exército dos caldeus vai ser apresentado com comparações extremadas e violentas que expressam brutalidade e eficiência (*amontoando prisioneiros com areia*):

Seus cavalos são mais velozes que panteras, mais ariscos que lobos do deserto. Seus cavalos vêm a galope, os cavaleiros apontam lá longe, voando como águia que mergulha sobre a sua presa (Hab 1,8).

2. O rei dos caldeus despreza **politicamente** os outros povos: קָלַס *caçoa* de outros reis e רָוַן *se exalta* em relação a outras lideranças; מִשְׁחָק *ri* das estratégias de defesa porque sempre pode vencê-las.

3. Após esta apresentação, o texto conclui reforçando o caráter continuado e sistemático da ação do império e sua ideologia de sustentação:

Depois, passa (como o) vento; faz-se culpado este cuja força é o seu deus, (Hab 1,11)

O termo רָוַן encontra alguma dificuldade de tradução neste versículo, podendo significar: respiração (Gn 6,17), vento (Jó 21,18; Sl 1,4; 1Rs 18,45), espírito (Gn 1,2; Jó 4,15). Também se pode entender como *voz de comando* de Deus (Jz 3,10) ou de um rei (Esd 1,1; 2Cr 36,22).

Neste sentido, poder-se-ia entender neste versículo que a ação divina de instrumentalização de um império dominador seria uma intervenção passageira que *passa como o vento* ou *com o vento*; também se poderia entender *mudou (o invasor) sua idéia e fez-se culpado* (Hab 1,11).¹

A אָשָׁם *culpa* estaria na ideologia que faz da כֹּחַ *força, poder* (Dt 8,17) um אֱלֹהִים *deus/elohim*. Mais adiante (Hab 1,16), o texto usa a imagem do pescador que *incensa e oferece um sacrifício* à sua própria rede, isto é, ao seu instrumento de captura dos muitos peixes/as multidões massacradas (Hab 1,17).

Deste modo, a teologia da intervenção divina na história através da força invasora do império fica condicionada por este argumento anti-idolátrico, isto é: Deus usa a força do império desde que esta força não ocupe o lugar de Deus (como, por exemplo, em Ez 28). O limite está na distinção entre a origem da força (deus?) e os meios de força (exército/política/ideologia): a teologia da história que afirma a ação de Deus na intervenção do império se resguarda neste argumento como espaço de crítica possível.

Este limite imposto pelo argumento teológico parece não ser suficiente para aplacar a indignação de Habacuque, que vai desafiar também este suposto controle da violência de um império invasor pela *voz de comando* de Deus, que julga os culpados que endeusam seus meios de força e coerção.

¹ Comentário da Bíblia de Jerusalém, nota c. São Paulo, Paulus, 2002.

Habacuque insiste em não aceitar esta teologia da história e faz seu questionamento direto para a divindade:

... *por que ficas olhando os traidores e te calas quando um impio devora alguém mais justo do que ele?* (Hb 1,13).

POR UMA HISTÓRIA SEM DEUS — LIBERTAÇÃO DA TEOLOGIA

Os *Ais!* do capítulo 2º apresentam uma outra leitura da história e da realidade de violência que não precisa do argumento de que Deus usa o império como instrumento de justiça. Com os *Ais!* Habacuque descreve e analisa as situações de violência que foram apresentadas no primeiro capítulo, expondo os mecanismos e as estruturas que produzem e reproduzem a violência sistêmica.

O que ergue um império? Quais as forças e contradições de sustentação? Como um império é destruído? Habacuque quer enfrentar esta discussão sem precisar se encostar numa teologia da história capaz de inventar mentiras para continuar afirmando uma suposta ação de Deus (Jó 13,4-8).

Os Ais! assumem as relações econômicas como aquelas que precisam ser analisadas e denunciadas para a compreensão do império e sua reprodução material e simbólica. Tais mecanismos de acumulação são geradores de dívidas sociais que inviabilizam a sustentabilidade do império.

Primeiro Ai!

Ai daquele que acumula o que não é seu (até quando?), e daquele que a si mesmo se carrega de penhores! (Hab 2,6b)

O primeiro mecanismo apontado é o enriquecimento/acumulação que é fruto do despojo e da violência na forma de penhor e dívida. A partir de relações econômicas geradoras de endividamento, a profecia de Habacuque identifica um lógica perversa e geradora de mais violência.

Segundo Ai!

Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal adquiridos, para pôr em lugar alto o seu ninho, a fim de livrar-se das garras do mal! (Hab 2,9)

O segundo mecanismo apresentado é a fragilidade das estratégias de defesa do império que saqueia os povos e constrói sistemas de segurança *a fim de livrar-se das garras do mal.* Aqui a relação está no nível da casa. O segundo Ai! de Habacu-

que entende que as paredes e portas usadas na defesa do império têm sua origem na destruição dos povos e, por isso, não são materiais confiáveis.

Terceiro Ai!

Ai daquele que edifica a cidade com sangue e a fundamenta com iniquidade! (Hab 2,12)

O terceiro mecanismo fala da cidade e de seus fundamentos de violência e iniquidade. O sangue derramado no esforço de despojo e saque torna as estruturas contaminadas de potencial auto-destrutivo.

Quarto Ai!

Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro, misturando à bebida o seu furor, e que o embebeda para lhe contemplar as vergonhas! (Hab 2,15)

O quarto mecanismo aponta para as relações de alienação do *companheiro*. O império precisa de formas lúdicas e culturais de controle e expropriação.

Quinto Ai!

Ai daquele que diz à madeira: Acorda! E à pedra muda: Desperta! Pode o ídolo ensinar? Eis que está coberto de ouro e de prata, mas, no seu interior, não há fôlego nenhum (Hab 2,19).

O último Ai! aponta para o uso da religião na sustentação do império e de suas formas idolátricas de legitimação. Ouro e prata revestem pedra e madeira, mascarando as relações objetivas de produção e garantindo mecanismos de reprodução do sistema.

AINDA QUE...! ESPERANÇA PARA TEMPOS DE CONFLITO

Habacuque vai encontrar a força de sua crítica esperançosa contra o império e contra a teologia que o legitima em dois elementos básicos:

O justo viverá pela fé (Hab 2,4): Nesta dinâmica a profecia afirma sua *firmeza e fidelidade* com a prática da justiça, que é a melhor forma de compreender אֱמוּנָה נִחְמָה (Sl 96,13).

... ainda que a figueira não floresça (Hab 3,17-19): A oração final do livro de Habacuque desmonta o mecanismo de uma teologia de retribuição, que se expressaria numa prosperidade econômica, reafirmando a gratuidade como a motivação básica da experiência de Deus.

A partir destes dois elementos, a profecia pode concluir articulando liberdade e militância sem precisar recauchutar os mecanismos de uma teologia da história incapaz de andar pela fé.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- Gorgulho, M. L. *Habacuque: uma visão bíblica sobre a violência*. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 69 (2001), pp. 19-31.
- Silva, D. S. *Habacuque e a resistência dos pobres: tradução crítica do profeta Habacuque*. Aparecida, Santuário, 2000.